

A HETEROGENEIDADE CONSTITUTIVA DA FALA PRIVADA: A PRESENÇA DA VOZ DO OUTRO NOS ENUNCIADOS DE APRENDIZES DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Karin Quast¹..... orientadorⁿ Luci Banks-Leite

¹UNICAMP/FE, R. Pitangueiras, 31, CEP 12241-120 – S. J. Campos - SP, mktostes@uol.com.br

ⁿUNICAMP/FE, Av. Bertrand Russell, 801, Cidade Universitária "Zeferino Vaz"
13083-865 - Campinas - SP, lbanks@uol.com.br

Resumo- A ancorados na perspectiva histórico-cultural, que concebe o funcionamento mental como mediado por signos (e artefatos culturais) e que emerge no plano interpessoal e, assumindo a linguagem enquanto constitutiva (do plano mental e do sujeito) e como ação/interação, bem como na concepção enunciativo-discursiva de linguagem, buscaremos pistas para o trabalho que se realiza no discurso interior e se revela na fala privada durante interações em sala de aula de um grupo de três aprendizes iniciantes de língua inglesa cursando o primeiro ano de uma Faculdade de Engenharia. A presença do outro em instâncias de fala privada, ou o falar 'consigo mesmo', tem sido ignorada nas pesquisas na área de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, sendo o fenômeno abordado de forma dicotômica, monológica e univocal. Desta forma, concebendo o sujeito e o funcionamento mental como fundamentalmente dialógicos, buscaremos trazer para o foco o jogo ou embate de vozes que se revela na fala privada, bem como sua heterogeneidade fundante.

Palavras-chave: fala privada; perspectiva histórico-cultural; concepção enunciativo-discursiva de linguagem; aprendizagem de língua estrangeira

Área do Conhecimento: Educação

Introdução

Neste trabalho buscaremos focar aspectos da fala privada¹ (doravante FP) que têm, em nossa opinião, sido negligenciados nos estudos na área de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras (LEs). Vygotsky (1987:166), ao discutir a relação entre pensamento e linguagem, atribui grande importância à fala egocêntrica, pois "está a serviço da orientação mental, da compreensão consciente; ajuda a superar dificuldades" e está intimamente relacionada ao pensamento (id. *ibid.*:62). Considerada como o 'ponto de encontro' entre os planos interpsicológico e intrapsicológico, é responsável pelo planejamento, direcionamento, monitoração, (re)estruturação do pensamento, auto-regulação, reelaboração, auto-reflexão etc.

Vários pesquisadores têm se dedicado a examinar a questão da auto-regulação (examinado instâncias de fala privada), ou seja, quando e como o sujeito começa a se auto-regular usando a LE, o que pressuporia certo domínio sobre a

língua e, portanto, indicaria sua internalização ou apropriação. No entanto, a FP tem sido analisada como um monólogo e, sendo esta o falar do sujeito 'consigo mesmo', ou o "pensar para si próprio" (VYGOSTKY, 1987:22) a presença do outro é aí então apagada. Questionamos exatamente esses dois aspectos (a monologização e univocalidade da FP, ou seja, o apagamento do outro no/do funcionamento intrapsicológico), nos apoiando numa perspectiva bakhtiniana de linguagem que nos permite ampliar a concepção vygotskiana do fenômeno.

A relevância de pesquisas na área já foi salientada por vários pesquisadores. Lantolf & Yáñez (2003:107) assinalam que sua investigação pode contribuir para intervenções mais eficazes, pois ajuda a compreender como os aprendizes reagem aos esforços pedagógicos. Pode também ajudar a verificar foco de atenção dos aprendizes e indicar "a quais aspectos (...) os aprendizes prestam atenção", bem como informar como "operam com tais características conforme tentam internalizá-las"² (id. *ibid.*).

De Guerrero (1994:83) argumenta que a fala interna tem sido objeto de pesquisas em aquisição da primeira língua, porém era negligenciada em estudos de aquisição de LEs, ignorando-se as

¹ Os estudos a que estamos nos referindo se inserem na perspectiva histórico-cultural e analisam o que Vygotsky (mantendo o termo usado por Piaget) chama de fala egocêntrica, porém agora sob a denominação de fala privada, na tentativa de evitar a conotação do sujeito não conseguir adotar a perspectiva do outro, remanescente do conceito elaborado por Piaget.

² As traduções de textos originais em inglês são de nossa responsabilidade.

evidências do "seu papel crucial na compreensão, produção e desenvolvimento da linguagem".

O descompasso nas pesquisas também é apontado por Ahmed (1994) que encoraja sua investigação, afirmando que a FP pode evidenciar estados cognitivos durante a realização de uma atividade, assim como as complexidades comunicativas das relações inter-pessoais, frequentemente concebidas como fala dirigida ao outro e com um padrão seqüencial.

Os estudos enfocando a FP também levam a atribuir um outro estatuto à questão do "erro" e do que aparenta ser auto-correção, não podendo, pois, ser concebido como desvio da norma, mas sim como uma função cognitiva diferenciada, como bem levanta Ahmed (1994).

Já Donato (2000) evidencia outra faceta da FP, que pode surgir como um apelo sutil de ajuda ao professor, não sendo por este compreendido desta forma. Esse uso da FP já foi apontado por Goudena (1987) ao investigar a emergência da FP em crianças e evidencia que ela pode, também, ser dirigida a um parceiro presente na interação.

McCafferty (1994:422), por sua vez, defende que a FP é importante "para compreender como os aprendizes se empenham para obter o controle sobre as várias dificuldades que os confrontam ao se comunicar" LE. Podemos verificar, pois, que a FP é concebida como um recurso mediacional na aprendizagem da LE, possuindo, conforme apontam as pesquisas, funções entrelaçadas como metacognitiva, cognitiva, social e afetiva.

Tendo em vista a importância da FP no processo de desenvolvimento da linguagem, objetivamos contribuir para os estudos na área, enfocando a dialogicidade do fenômeno em questão, ou seja, enfocando o papel do 'outro' no funcionamento mental.

Metodologia

Os dados foram coletados em um curso de língua inglesa realizado em uma Universidade Federal no Estado de São Paulo. Os participantes são esta professora-pesquisadora e três alunos de nível falso iniciante, cursando Engenharia.

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram a videogravação das aulas para posterior transcrição (com base em uma adaptação das normas para transcrição de textos orais elaboradas pelos pesquisadores do projeto NURC/SP – CASTILHO & PRETTI, 1987:19); notas da professora e relatos verbais espontâneos dos alunos, registrados durante as aulas.

Assumindo que os enunciados trazem pistas do trabalho realizado no discurso interior, é importante, pois, que prestemos especial atenção à duração das pausas, ao alongamento de vogais, às hesitações e auto-correções, ou seja, às atividades epilingüísticas (GERALDI, 1991), pois

são extremamente reveladoras de dificuldades e momentos de reformulação.

Para Marcuschi (1999:64), as hesitações indicam "movimentos de organização e planejamento interno do discurso". Fávero et al (2000:45) e Marcuschi (1999) concordam que as pausas possuem uma função cognitiva. Neste trabalho com as 'marcas' utilizaremos também os marcadores conversacionais.

Assumindo a heterogeneidade constitutiva da linguagem e, portanto, para discutir a presença do outro nos enunciados dos aprendizes, nos apoiaremos também no trabalho de Authier-Revuz sobre Heterogeneidades Enunciativas (1990, 1998, 2004), buscando evidências da presença do outro, ou seja, as formas mostradas, manifestas, dessa heterogeneidade.

Para compreender a questão dos destinatários no discurso interior (destinatário, sub-destinatário e sobre-destinatário), nos reportaremos aos trabalhos do Círculo de Bakhtin e de Clot (2005), que salienta a importância do discurso interior na compreensão de algo e como, ao mudar o destinatário, toda a atividade se altera. Isso possui implicações para nosso trabalho, pois acreditamos que depende do interlocutor 'virtual' do discurso interior e dos enunciados já internalizados, o processo de reformulação dos aprendizes.

Discussão e Resultados

De forma a evidenciar os aspectos dialógicos do nosso objeto, nesse caso como o outro está presente no discurso interior do aprendiz, discutiremos aqui um pequeno recorte de nosso corpus.

Aula 4 – Episódio 1
Sinais de transcrição:

Alunos: PA, MA, GU. Professora: T.

Pausas pequenas: /

Prolongamento do som: :

Dúvidas ou incompreensível: (...)

Truncamentos bruscos: |

Ênfase ou acento forte: MAIÚSCULA

Comentários do pesquisador: (())

Fala sobreposta: {

A professora vai ler um texto, que, na verdade, é um programa de TV que consiste em um jogo para adivinhar a profissão que um dos participantes escolhe em segredo, mais conhecido como *Twenty Questions*.

1. T: Good Evening, ladies and gentlemen, welcome to What's my job? We have
2. PA: Teacher antes posso perguntá uma coisa? / sempre quiz sabê esse ladies and ?
3. T: gentlemen
4. rMA: and gentlemen

5. LPA: gentlemen
6. MA: gentlemen G – E – N – T – L – E – M – E – N
7. **GU: gentleman start your engines ((olhando para o chão))**
8. LT: G – E – N – T – L – E – M – E – N ((soletra enquanto escreve no quadro))
9. GU: gentlemen
10. **MA: ladies and gentlemen ((com entonação de programa de TV))**
11. PA: gentlemen (...)
12. T: ladies and gentlemen
13. MA: (...)
14. GU: aqueles joguinho de: joguinho de corrida / eles falam **gentlemen start your engines** / fala desse jeito assim né?
15. MA: (...) que o cara fala **ladies and gentlemen** ((com entonação de apresentador de TV))
16. T: Yeah ladies and gentlemen ((usando entonação de apresentador de programa))
17. GU: Gentlemen é o que ? senhores ?
18. T: Yes.

Temos aqui um “diálogo” incomum, estranho, porém típico de uma sala de aula de LE (como observa Clot³), pois revolve em torno de uma única palavra: *gentlemen*. A mesma palavra vai sendo repetida pelos alunos, o que poderia indicar que estão tentando memorizá-la ou treinar a pronúncia correta. No caso de PA e GU, podemos inferir que a repetição ocorre para isolar a palavra, para objetificá-la, tornando-a objeto de atenção, análise, reflexão, uma vez que é a dúvida de PA e, como podemos observar em (17) também representa dúvida para GU. Assim, a repetição da palavra a isola do restante do enunciado, sendo decontextualizada⁴ (ROJO, 1995) e tornando-se o foco da atenção. Conforme observa Clot, a palavra deixa de ser meio e torna-se objeto.

No entanto, o que também observamos é que a palavra evoca ressonâncias de outras vozes, nos remete a outros atos de enunciação. Quando PA interrompe a professora para se concentrar no termo ‘*gentlemen*’, **GU** e **MA** (7 e 10), em enunciados que podemos considerar como fala privada (uma vez que não estavam se dirigindo aos seus colegas ou à professora), têm a chance de ‘recuperar’ eventos em que ouviram a frase ‘*ladies and gentlemen*’. Porém, ao recuperarem a frase, relembram o contexto em que a ouviram e tentam reproduzir a entonação antes ouvida, trazendo a voz mesma de outro locutor.

Embora nosso trabalho não utilize a psicanálise como aporte teórico, Authier-Revuz (1990, 1998, 2004) nos auxilia a ‘visualizar’ a não-coincidência interlocutiva, a perceber a presença de uma outra voz nos enunciados dos aprendizes.

³ Observação de Yves Clot durante sua participação na banca de qualificação desta pesquisadora, em 2006.

⁴ Sua recontextualização em um evento posterior indicaria, segundo Rojo (ibid.), a sua internalização.

De acordo com a pesquisadora, na conotação autonímica

(...) a “figura normal de usuário das palavras é desdobrada, momentaneamente, em uma outra figura, a do observador das palavras utilizadas; e o fragmento assim designado – marcado por aspas, por itálico, por uma entonação e/ou alguma forma de comentário – recebe, em relação ao resto do discurso, um estatuto outro.” (AUTHIER-REVUZ, 2004:13)

Temos, portanto, neste episódio, duas coisas ocorrendo. Uma é o próprio estatuto que a palavra ‘*gentlemen*’ recebe, ao ser recortada, destacada, objetificada. Os aprendizes debruçam-se sobre a palavra em um ato de observação e análise. E, mais, nessa palavra há uma luta, há duas vozes que se confrontam, como bem aponta Clot (op. cit.). Em segundo lugar, a frase é usada com uma entonação marcante, na tentativa de reprodução da entonação ouvida em programas de TV e jogos. Assim, esse fragmento remete ao outro e sua própria entonação (que evidencia que o fragmento provém de outro lugar) lhe fornece as aspas, conferindo-lhe outro estatuto, não sendo meramente uma repetição. Temos, aqui, um ponto de “não-coincidência interlocutiva” marcada pela entonação, em que os aprendizes fazem representar o dois (AUTHIER-REVUZ, 2004:90).

Clot (op. cit.) afirma que essa palavra (*gentlemen*) pertence ao território do outro, mas, no seu discurso, o sujeito traça fronteiras entre os dois. Fronteiras aqui traçadas pela entonação que, marcando o fragmento como sendo de um outro, remetendo a um exterior discursivo, nos leva a considerá-lo como uma ocorrência de *conotação autonímica*, pois não há interrupção do fio discursivo, não há ruptura sintática. E, da mesma forma que as aspas, o itálico, comentários, glosas, etc. a entonação especifica “os parâmetros, ângulos, pontos de vista, através dos quais um discurso põe explicitamente uma alteridade em relação a si próprio”. (AUTHIER-REVUZ, 1990:30)

Retomando Bakhtin, Authier-Revuz nos lembra que toda palavra nos remete a um contexto no qual já viveu “sua existência socialmente subjugada”.

‘Ela “chega a seu próprio contexto, vinda de outro contexto, penetrada pelo sentido dado por outros”. As palavras são “carregadas”, “ocupadas”, “habitadas”, “atravessadas” por discursos, é o que Bakhtin designa “saturação da linguagem [...] socialmente significante [...] por intenções e acentos determinados”. (AUTHIER-REVUZ, 2004:35-36)

Podemos perceber que a entonação de GU e MA remetem aos contextos nos quais a palavra teve/tem sua existência social, penetrada pelo sentido e acento dado por outros.

Sentidos e acentos determinados dos quais, aos poucos, os aprendizes vão tentando se apropriar. Podemos perceber que GU, por exemplo, preocupa-se com o significado da palavra, buscando traduzi-la para o português. No entanto, ao retomarem de um contexto, inserida em um determinado gênero discursivo, com seu sentido “saturado”, é possível que passem do significado para o sentido (de uma forma um pouco mais próxima a como aprendemos nossa língua mãe) e que, com o passar do tempo, passem a povoar as palavras com suas próprias intenções e acentos.

Conclusão

O extrato analisado evidencia a presença do outro nos enunciados considerados como fala privada dos aprendizes. E nos permite conceber a repetição como um movimento na apropriação da linguagem; apropriação dos enunciados do outro.

Seria preciso investigar mais de perto, junto a esses aprendizes, como iria se dando essa passagem do significado para o sentido. Que papel possui essa “ressonância” na apropriação da linguagem, se não a considerarmos meramente como repetição na tentativa de memorizar as palavras? Como as palavras alheias vão se tornando palavras próprias?

Agradecimentos: Agradecemos à FAPESP pelo apoio a esta pesquisa.

Referências

AHMED, M. K. Speaking as Cognitive Regulation: A Vygotskian Perspective on Dialogic Communication. In: LANTOLF, J. P.; APPEL, G. (eds.) **Vygotskian Approaches to Second Language Research**. New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1994, p. 157-171.

AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. **Palavras incertas: as não-coincidências do dizer**. Campinas, Editora da Unicamp, 1998.

_____. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Caderno de Estudos Linguísticos**, v. 19, p.25-42, 1990.

CASTILHO, A. T. de; PRETTI, D. **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: Diálogos entre dois informantes**. Vol. II. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP, 1987.

CLOT, Y. L'autoconfrontation croisée en analyse du travail: l'apport de la théorie bakhtinienne du

dialogue. In: L. Fillietaz & J.-P. Bonckart (eds) **L'analyse des actions et des discours en situations de travail: concepts, méthodes, applications**, 37-55 Louvain-la-neuve: Peeters Editions, 2005.

de GUERRERO, M. C. M. Form and Functions of Inner Speech in Adult Second Language Learning. In: LANTOLF, J. P.; APPEL, G. (eds.) **Vygotskian Approaches to Second Language Research**. New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1994, p. 83-115.

DONATO, R. Sociocultural contributions to understanding the foreign and second language classroom. In: J. P. Lantolf (Ed.) **Sociocultural theory and second language learning**. Oxford: OUP, 2000.

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GERALDI, J. W. **Portos de Passagem**. 2a ed. SP: Martins Fontes, 1991

GOUDENA, P. P. The Social Nature of Private Speech of Preschoolers During Problem Solving. **International Journal of Behavioral Development**, 1987 10: 187-206.

LANTOLF, J. P.; YÁÑEZ, M. C. Talking yourself into Spanish: Intrapersonal communication and second language learning. **Hispania**, 86.1, p. 97-109, March 2003.

LANTOLF, J. P. (ed.) **Sociocultural Theory and Second Language Learning**. Oxford University Press, 2000.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática, 1999.

McCAFFERTY, S. G. "The Use of Private Speech by Adult ESL Learners at Different Levels of Proficiency". In: LANTOLF, J. P.; APPEL, G. (eds.) **Vygotskian Approaches to Second Language Research**. New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1994, p. 117-133.

ROJO, R. H. R. Interação e Discurso Oral: Questões de Aquisição de Linguagem e de Letramento Emergente. **D.E.L.T.A.**, vol. 11, no. 1, p. 65-90, 1995.

VYGOTSKY, L. V. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.